

A crítica ética de Vaz à modernidade e as bases para a ética da casa comum

Isaias Mendes Barbosa¹

Resumo: Lima Vaz não compreende a modernidade em termos históricos ou sociológicos, mas como conceito filosófico, fundamento determinante de sua abordagem ética. Daí justificar ser da Ética filosófica vaziana o espaço *a priori* de compreensão da modernidade *pós-cristã* como universo simbólico e representativo da realidade, formado por razões elaboradas e codificadas, mas cuja orientação determinante é a de uma razão instrumental e técnica, negadora da Ética (clássica) que estava em evolução até então. Por essa via objetiva-se apresentar a crítica ética vaziana à modernidade, carente de uma Ética universal, e a possibilidade de uma nova Ética. Por conseguinte, o presente artigo apresenta os elementos fundamentais de uma “Ética da Terra” em Leonardo Boff e de uma “Ética” da “Casa Comum” no Papa Francisco, na tentativa de oferecer luzes de esperança aos problemas da modernidade contemporânea. Para tal intento se faz necessário a hermenêutica de algumas obras dos (e sobre os) referidos autores. A objetivação da temática se detém em três tópicos: i) do *ethos* à Ética filosófica em Lima Vaz, ii) a crítica de Lima Vaz à modernidade: observações éticas e iii) as bases para a “Ética da Terra” em Leonardo Boff e (ou) a “Ética” da “Casa Comum” no Papa Francisco. A título de conclusão Lima Vaz fala da perda do sentido ético e metafísico do *ser* porque passa a civilização moderna. Na busca de um novo sentido ético para a sociedade, ele sustenta: a proposta de reflexão sobre a estrutura objetiva da racionalidade que fundara as comunidades éticas, a recuperação dos elementos fundamentais que constituíram a Ética enquanto Ciência do *ethos*, a retomada do polo metafísico e espiritual da Ética, a emergência de um novo paradigma de razão para uma civilização universal, o reconhecimento, a rearticulação dos níveis estruturais do existir comunitário e a figura da Transcendência. Em certa aproximação com a postura ética de Lima Vaz está a proposta de Leonardo Boff de uma “Ética da Terra”, pautada pelo inovado *paradigma ecológico*. Boff também apresenta uma postura crítica frente à modernidade e a emergência de uma ética teológica integral, que se dirija para o alto e busque salvaguardar a vida, os diversos seres bióticos e abióticos assim como a própria Mãe Terra. Ele lança os precedentes históricos, as ordenações fundamentais, os quatro princípios e as quatro virtudes de uma “Ética da Terra”, enquanto Casa Comum. Papa Francisco, por sua vez, segue uma linha convergente aos dois pensadores pela crítica à modernidade que se encontra num estágio de deterioração da Ética, da Cultura e da Ecologia. No discurso de Francisco há os aportes – da fé, do bem comum, do diálogo, da solidariedade, da compaixão, além de outros princípios – que fundamentam uma “Ética” do “Cuidado da Casa Comum”.

Palavras-chave: Ética; Vaz; Modernidade; Boff; Francisco

INTRODUÇÃO

Na contemporânea sociedade o termo “Ética” passeia pelas diversas esferas dos setores da vida civil (empresarial e política), ora na persuasão dos discursos que se pretendam éticos,

¹ Membro da Congregação dos Missionários Redentoristas, graduado no curso de Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte, Minas Gerais. É pesquisador na área de Ecoteologia, com ênfase na dimensão Ética ou Moral ecológica. É licenciado no curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

ora na justificação de práticas sociais que pouco, se não nada, têm a ver com a Ética propriamente dita, ou que se pretenda filosófica.

Um “estudo sobre a Ética que se pretenda filosófico deve dedicar-se preliminarmente a delinear o contorno semântico dentro do qual o termo *Ética* será designado e a definir” (LIMA VAZ, 2006, p.11). É nessa ótica que se destaca a Ética de Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002). Ela é filosófica, tanto pela sua origem semântica, epistêmica, fundamentação e natureza de saber, como pela sua especificidade de abordagem e categorias de reflexão.

Em Lima Vaz a Ética deriva do termo *ethos* que tanto designa *os costumes normativos* de um grupo social como se refere à *constância* (hábito) do agir humano. A Ética é ciência do *ethos* que se realiza na *práxis* ética e que é coextensivo à *cultura*. Ele se manter pela *tradição*, do mesmo modo que se constrói e se atualiza pela *educação*. A *praxis* é o espaço do *operar* e do *ser* ético, que pressupõe um *saber ético*. Deste emerge a Ética filosófica, na forma de linguagem do *logos demonstrativo*.

Para Lima Vaz a modernidade é referenciada como universo simbólico e representativo da realidade. Mas conjecturando a modernidade – como emergência do novo e captação do conceito no tempo – observamos que ela tem sua origem no florescer da filosofia, seguindo numa sucessão de modos ou de “atualidades” de formas privilegiadas de Razão. A modernidade do terceiro milénio é enigmática, “tão prodigiosamente avançada na sua razão técnica e dramaticamente indigente na sua razão ética” (LIMA VAZ, 1991, p.11), é uma sociedade da dúvida (cartesiana), da crítica à Ética da tradição, porém, carente de uma Ética universal.

Desta demanda moderna há dois caminhos alternativo de solução: a “Ética da Terra” em Leonardo Boff e os aportes de uma “Ética” da “Casa Comum” no Papa Francisco. A “Ética da Terra” pressupõe uma espiritualidade e o desenvolvimento do novo paradigma ecológico que busque salvaguardar a vida, os diversos seres bióticos e abióticos da ecosfera assim como a própria Mãe Terra.

Os aportes para a “Ética” da “Casa Comum” são bases alternativas de superação da deterioração da ética, da cultura moderna predominantemente antropocêntrica e tecnocêntrica. O caminho alternativo está na mudança do ser humano, do seu estilo de vida, do seu hábito e da sua relação com o outro, com Deus e com os demais seres do organismo vivo Terra. O apostes da “Ética” do “Cuidado da Casa Comum” - a fé, o bem comum, o diálogo, a solidariedade, a compaixão, a precaução, o destino universal dos bens, as verdades objetivas, o reconhecimento, a dignidade humana e a subsidiariedade – são bases esperançosas de superação da crise em que passa a nossa civilização.

DO *ETHOS* À ÉTICA FILOSÓFICA EM LIMA VAZ

Na linguagem filosófica grega a palavra “Ética” é um adjetivo (*Ethike*) que se reporta a um saber sobre a vida e ação humana. O adjetivo deriva do substantivo *ethos* que possui

duas grafias e sentidos diferentes. O *êthos* (com *eta* inicial) “designa o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social” (LIMA VAZ, 2006, p.13), enquanto que *éthos* (com *épsilon* inicial) “refere-se à constância do comportamento do indivíduo” (LIMA VAZ, 2006, p.13).

A primeira grafia se referia à morada do animal (abrigo), mas com o tempo foi transposta metaforicamente para o espaço do costume humano. Assim, o *ethos*, sem deixar sua concepção primitiva, “passa a ser a ‘casa’ (*oikos*) do ser humano, [...] a casa simbólica que o acolhe espiritualmente” (LIMA VAZ, 2006, p.39). Já a segunda se reporta à constância da ação humana, à disposição contínua do agir humano. As duas grafias do termo tratam da realidade histórico-social do agir humano e da sua presença comportamental constante (LIMA VAZ, 2006, p.15). Porém, a título didático de distinção, Lima Vaz esclarece:

A primeira acepção de *ethos* (com *eta* inicial) designa a morada do homem (e do animal em geral). O *ethos* é a casa do homem. O homem habita sobre a terra acolhendo-se ao recesso seguro do *ethos*. [...] A metáfora da morada e do abrigo indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. [...] A segunda acepção de *ethos* (com *épsilon* inicial) diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos. (LIMA VAZ, 2004, p.12-14).

Na modernidade há uma problemática, de natureza terminológica, acerca do uso do termo “Ética” e “Moral”. Cada termo é utilizado para diferentes esferas do agir humano. O segundo se reportando à esfera individual, enquanto o primeiro é referindo à esfera social. Porém, para Lima Vaz, tais termos designavam desde a tradição (na concepção semântica) uma mesma área de saber sobre a conduta humana: *a priori* o “vocábulo *moral*, tradução do latim *moralis*, apresenta uma evolução semântica análoga à do termo *ético* (a). [...] Mas já desde a época clássica, *moralis*, como substantivo ou adjetivo, passa a ser a tradução usual do grego *ethike*” (LIMA VAZ, 2006, p.14).

A demonstração da natureza (filosófica) fundamental da Ética teve dois caminhos, o histórico e o teórico. No primeiro caso Vaz sustenta que o “episódio fundamental da origem da Ética, tal como hoje a conhecemos, foi vivido por Sócrates e o Sofistas em sua querela célebre sobre a ‘virtude’ (*arete*) e a ‘educação para virtude’ (*paideia*), conservada por Platão” (LIMA VAZ, 2006, p.19).

No segundo caso, a formação da Ética filosófica nos leva aos tempos socráticos, diante das *aporias* e das fragilidades da racionalidade vigente até então, mas que não ultrapassavam o conhecimento da *doxa* e nem superava o *relativismo*. Nesse horizonte vemos a Ética emergir – entre o conflito da racionalidade sofista com racionalidade socrática – “pela *Filosofia* na sua mais alta expressão especulativa” (LIMA VAZ, 2006, p.25).

Ora, a Ética, enquanto ciência *real*, tem por objeto o *ethos* que se apresenta como um fenômeno histórico-cultural dotado de evidência imediata e impondo-se à experiência do indivíduo tão logo este alcança a primeira idade da razão (LIMA VAZ, 2006, p.37). Na observação do fenômeno ético, as *constantes* dos dados antropológicos são elaboradas na experiência humana a tal ponto de serem substrato empírico às categorias da Ética.

No *ethos* a comunidade humana lança raízes, constrói-se e cresce, porém não tem como tal *ethos* resistir no tempo se não for por meio da tradição: “Trata-se de um legado – o mais precioso – que as gerações se transmite (*tradere, traditio*) ao longo do tempo e que mostra, [...] uma [...] capacidade de assimilação de novos valores e de adaptação” (LIMA VAZ, 2006, p.40). A “tradição garante a permanência da cultura ao longo do tempo. Os valores e normas transmitidos de geração em geração garantem a permanência e a constância do *ethos*, que, embora esteja sempre em processo de construção, conserva traços que preservam a unidade e a identidade” (OLIVEIRA, MELO, 2018, p.125).

O *ethos*, enquanto costume, perpetua no tempo e assume a dimensão de historicidade pela tradição, já o *ethos*, enquanto hábito, permanece e se historiciza pela educação. Os dois *ethos* são mediados pela *práxis*, pois tanto é nesta que o *ethos* se constrói e se atualiza assim como é na mesma que acontece a circularidade dialética fundamental para a humanização ética. “Dessa forma, uma circularidade causal se estabelece entre tradição e educação ou entre o costume e o hábito, o *ethos* e a *praxis*” (LIMA VAZ, 2006, p.42-43).

Sendo a *praxis* o espaço do operar e do existir do ser ético, “o homem não opera senão a partir do prévio *conhecimento* do objeto de seu operar. [...] Acumulado qualitativamente e organizado, o conhecimento assume a forma do *saber*” (LIMA VAZ, 2006, p.45). Entre as diversas formas de saber estar o saber ético por excelência, que é reflexivo por natureza e se classifica tanto no conhecimento de si mesmo como na busca do bem, do melhor, do dever ou da obrigação moral.

As formas de saber pelas quais se originam as categorias fundamentais da Ética são: a religião enquanto expressão cultural, a sabedoria de vida e a literatura sapiencial. A primeira forma é portadora de mensagens éticas como, por exemplo, a moral bíblica veterotestamentária e neotestamentária. A segunda constitui a linguagem do saber ético transmitido pela razão ou racionalidade prática e pela linguagem. Sócrates é uma referência de sábio, enquanto os poemas homéricos apresentam na sua linguagem uma sabedoria de vida. A última forma de sabedoria possui na Grécia uma grande expressão, por exemplo, na tradição dos Sete Sábios (LIMA VAZ, 2006, p.49-55).

A Ética emerge como caminho alternativo para a crise que se deu nas expressões culturais e formais do saber ético, na perda de credibilidade ou insuficiente persuasão da tradição que vigorava na Grécia arcaica. Daí a nova expressão ética vai assumindo progressivamente a forma de linguagem do *logos demonstrativo* e científico (LIMA VAZ, 2006, p.57). Essa passagem do *saber ético* para a Ética propriamente dita acontece na formulação de novos códigos de saber demonstrativo, mas que inaugura a Ética enquanto ciência do *ethos*.

A ciência do *ethos* surge no contexto mais vasto de uma mudança radical no estatuto social do discurso (*logos*) e que Marcel Détienne designou como “laicização da palavra”. Ela assinala a passagem do *logos* mítico e sapiencial ao *logos* epistêmico e dá início ao ciclo histórico da ciência na cultura ocidental. (LIMA VAZ, 2004, p.44)

Enquanto episteme ética, o *ethos* deixa de ser explicado pela particularidade do mito, das fábulas e de outras formas de linguagem e cultura em que se situava a sabedoria ética. Daí por diante o *ethos* passa a ser explicado pela universalidade da razão e por categorias, princípios, leis e normas que constituem e regem a vida humana. Na esfera da relação entre a ciência da *physis* e a do *ethos*, é pelo *logos* explicativo do mundo da natureza que a episteme ética repercute sobre o *lógoi* explicativo da conduta e vida humana.

Durante o processo de emergência da racionalidade intelectual do saber ético houve o desafio de “pensar o *ethos* segundo o método e a linguagem da ciência” (LIMA VAZ, 2006, p.59), isto é: conciliar o necessário da lei com o particular do *ethos*, conciliar o universal científico com a livre escolha do sujeito. Conciliar o *universal* e o *particular*, o *necessário* e o *livre*, foi o primeiro desafio para a criação da Ética (LIMA VAZ, 2006, p.60). Neste caminho de conciliação estão os dois polos de formulação teórica: a lei da razão e a liberdade humana. A resposta conciliadora veio do *paradigma intelectualista* (socrático).

Ora, a principal questão da problemática conciliação, na transposição do *logos* discursivo do mundo da *physis* para o mundo da *praxis* humana, era a respeito do *destino* e do *determinismo da physis* ou *Fortuna* em conflito com o autodomínio ou liberdade humana: “como pode a livre individualidade conviver com a fatalidade do Destino (Moira)” (LIMA VAZ, 2006, p.63) ou com as investidas da *Fortuna*? A resposta veio pelos dois procedimentos da razão que estabeleciam:

[...] de um lado a *ciência do finalismo do Bem* como superação da *crença* na necessidade cega do Destino, e, de outro, definir o âmbito das ‘coisas humanas’ (*ta anthropina*) que estão sob o nosso arbítrio (*ta eph’hemin*) e que podem ser objeto de nossa liberdade e responsabilidade, em outras palavras, de nosso agir ético, independentemente, em princípio, dos azares da Fortuna. A vertente *socrático-platônica* da Ética toma sobre si estabelecer o finalismo do Bem, a vertente *aristotélica* ocupa-se propriamente em circunscrever o mundo das coisas humanas. O *finalismo do Bem* exprime a *universalidade* racional da Lei (*nomos*), o mundo das *coisas humanas* é o horizonte *universal* da Liberdade (*to ekousion*). (LIMA VAZ, 2006, p.64)

Os dois procedimentos tanto delineavam um espaço razoável do agir humano e fundamentavam racionalmente a estrutura do agir, como também justificavam as leis e normas da racionalidade da conduta humana. O paradigma ético fundado no *Bem* como *Ideia* e como norma de conduta humana transcende a particularidade do empírico ou a particularidade

do agir humano, não se determina pela tentativa de conversão (convencionalismo) entre a realidade da *physis* e do *ethos*, e muito menos pode ser equiparado com o determinismo (naturalismo) da *physis*. Esse paradigma, presente na tradição platônica, também é chamado de *ideonômico*. Ele:

[...] situa o fundamento do conhecimento racional no mundo das *Idéias*, dotando-o da universalidade transempírica que compete ao inteligível como tal. Ao participar dessa forma de universalidade de jure, a Razão prática pode elevar-se a instância explicativa e judicativa do *ethos* em seus invariantes universais, acima da particularidade dos *ethea* históricos circunscritos a essa ou aquela tradição cultural. (LIMA VAZ, 2004, p.27)

Ora, se na Ética vaziana há a natureza cognitiva, inteligível e filosófica própria de tal ciência, por outro lado o *objeto formal* dela se classifica na esfera prática da vida humana, na própria experiência vivida pelo indivíduo. Distinta de qualquer prática, a *praxis ética* é aquela exercida na esfera do *ethos* e que obedece aos pressupostos fundamentais da antropologia e da metafísica. Partindo de Tomás de Aquino, Lima Vaz nos apresenta uma definição de tal objeto:

“O sujeito (= objeto) da filosofia moral é a operação humana ordenada a um fim ou então o homem enquanto age voluntariamente em vista de um fim”. Nesta definição o *definiendum*, ou seja, o *objeto* da Ética, é identificado logicamente [...] por duas notas constitutivas: *a.* a *operação* humana e *b.* sua ordenação a um *fim*. (LIMA VAZ, 2006, p.68)

Operação é traduzida por *praxis* como ação humana de modo geral, mas o direcionamento dessa ação para um fim ético caracteriza tal ação especificadamente como *praxis ética*. Daí é possível fazer uma distinção fundamental do objeto formal da Ética: sobre a natureza da *praxis* ética, distinta das outras atividades humanas, e a relação que se dá entre *praxis* e *fim*.

Lima Vaz desenvolve a reflexão sobre a natureza da *praxis* em relação e distinção com a *techne*, e sobre a relação da *praxis* com o *fim imanente e transcendente*. A Ética se constitui pelo seu objeto formal (*praxis ética*) sob dois aspectos fundamentais, a saber: o *estrutural* e o *teleológico*. No primeiro caso há uma correspondência entre o *ethos* e a *praxis*, na medida em que esta se prolonga em continuidade, dando origem no indivíduo à forma do *hábito* ou da *virtude*, possibilitando a convivência na esfera da moralidade e a formação da comunidade ética. No segundo aspecto a *praxis* tanto se ordena a um sistema de *fins* como a outro sistema de *normas* que constituem o conteúdo do *ethos* e caracterizam a Ética como *ciência do ethos*, *ciência da ação* ou *norma* do agir e *ciência prática* (LIMA VAZ, 2006, p.74).

Para sintetizar, a Ética vaziana se reporta a um saber sobre a vida e ação humana. Ela deriva do termo *ethos* que tanto designa os *costumes normativos* de um grupo social como se refere à *constância* do agir humano. O *ethos* se realiza na *práxis* e é coextensivo à cultura, ele se gesta e se manter pela tradição, do mesmo modo que se constrói e se atualiza pela educação. Assim acontece a circularidade dialética fundamental que se estabelece entre o *ethos* e a *praxis*: do *ethos* a *praxis* recebe sua *forma*, da *praxis* o *ethos* recebe seu *conteúdo* existencial.

A *praxis* é o espaço do operar e do existir do ser ético. Mas tal operar pressupõe um *saber ético*, reflexivo por natureza e que se classifica no conhecimento de si mesmo e na busca do bem, do dever ou obrigação moral. Tal sabedoria teve suas formas éticas expressiva (na religião, na sabedoria de vida e na literatura sapiencial) que contribuíram para a Ética emergente enquanto ciência, racionalidade, na forma de linguagem do *logos demonstrativo* e conciliar da disparidade entre a ciência da *physis* e a do *ethos*.

A Ética tem por objeto formal a *praxis* que obedece aos pressupostos fundamentais da Ética: a antropologia e a metafísica. A *praxis* é ética, na dimensão estrutural, por se distinguir da *techne*, isto é: por caracterizar na própria pessoa (a excelência) o princípio e a finalidade da ação. Na dimensão teleológica, a *praxis ética* está vinculada à finalidade do bem, do melhor. Porém tal fim tanto é imanente como transcendente.

A CRÍTICA DE LIMA VAZ À MODERNIDADE: OBSERVAÇÕES ÉTICAS

Lima Vaz não trata da modernidade em termos históricos ou sociológicos. Sua leitura é filosófica, portanto vinculada à origem, especificidade e elaboração reflexiva da modernidade. A compreensão filosófica da modernidade exige que esta seja pensada como categoria conceitual “do tempo histórico quando esse é, de alguma maneira, *objeto* do discurso filosófico” (LIMA VAZ, 2002, p.226). Assim, uma aclaração preliminar se faz necessária:

Etimologicamente o termo *modernidade* provém do advérbio latino *modo* que significa primeiramente “há pouco” ou “recentemente” [...]. Daqui procede o adjetivo “moderno” presente já, segundo o *Petit Robert*, no francês medieval desde o século XIV, e o substantivo abstrato “modernidade” introduzido em meados do século XIX. (LIMA VAZ, 2002, p.225)

A origem da modernidade só se capta no tempo do conceito (isto é, da gênese filosófica) e que historicamente nos remonta ao século V e IV a.C. quando emergiu a concepção do saber propriamente filosófico na tradição grega sob os ditames da racionalidade como espaço privilegiado de representação simbólica da realidade. Ora, “a *modernidade* significa a reestruturação *modal* na representação do tempo, em que este passa a ser representado como uma sucessão de *modos* ou de atualidades” (LIMA VAZ, 2002, p.229).

Lima Vaz classifica que a modernidade é processo que gira em torno de três grandes eventos intelectuais, a saber: “primeiro foi o nascimento da razão grega, o segundo da assimilação da filosofia antiga pela teologia cristã, o terceiro o advento da razão moderna” (LIMA VAZ, 2001, p.11). Na esfera do tempo em que se move as diversas “novas” formas de “razão”, o ciclo da modernidade mais próximo da contemporaneidade ou “a última modernidade” é chamado de *modernidade pós-cristã*:

Ora, a modernidade pós-cristã, como a designação que para ela propomos está a indicar, irá refazer de modo profundo e mesmo radical o modelo das relações até então vigentes entre filosofia e religião. O novo modelo irá, em suma, abolir a estrutura *onto-teológica* [...] substituindo-a por outra estrutura que convém designar por *onto-antropológica*. (LIMA VAZ, 2002, p.236)

O marco fundamental dessa moderna de racionalidade está em Descarte com o *cogito cartesiano* que relega à esfera da dúvida os elementos que davam contorno ao *ethos* da tradição e que fundamentava a Ética. Nesta última modernidade, da Razão, há o novo paradigma *mecanicista*, de predominância físico-matemático, governando a primeira forma de Razão e guiando o primeiro estilo de prática racional (LIMA VAZ, 2006, p.268).

O desenrolar desse paradigma nos conduzirá aos problemas da ética contemporânea que se assenta sobre a *poiesis*, nos levando aos problemas éticos decorrentes das formas produzidas pela tecnociência e da intervenção tanto na esfera do *ethos humano*, mas também, no próprio sistema da *physis*. Lima Vaz classifica tal época como constituída e coexistente por diversas formas de racionalidades, porém, que rompem com a lógica estrutural da tradição ético-racional originária (LIMA VAZ, 1995, p.60)

Entre as diversas formas de racionalidade que há na modernidade filosófica, existe uma auto-diferenciação da razão moderna que a caracteriza distintamente da razão clássica: a natureza do *método* e a natureza do seu *sujeito*. Em relação a natureza do método, a razão moderna se constitui como um conhecimento que procede por hipóteses, deduções e por verificação experimental. Dela provém a ciência empírico-formal, cujo saber é exercido como uma operação construtora do próprio objeto. Isso tende a fazer desaparecer a distinção entre a *theoria* e a *poiesis* (LIMA VAZ, 1995, p.61).

Por esse processo se dá a negação da metafísica clássica pelo paradigma cartesiano, na razão que assume de modo propedêutico (cria-ativo) uma nova forma de representação (geométrica) simbólica da realidade assim como do próprio homem e da sua prática ética. O problema central da crise metafísica está na concepção do homem como *começo absoluto*:

A partir de Descarte, a relação da filosofia com o tempo inaugura um tipo de modernidade até então inédito na civilização. Ele tem como princípio a imanentização no próprio sujeito do fundamento que confere ao ato de filosofar seu privilégio no tempo. Desta sorte,

a estrutura fundante desse ato – a estrutura do “Eu penso” (*Cogito*) como princípio do discurso filosófico – avoca para si o privilégio de um começo absoluto ou supressão do tempo [...] (LIMA VAZ, 2002, p.237)

Ora, a razão clássica tendo a sua estrutura analógica em torno do *polo metafísico*, deu primazia à atividade intelectual, cujo ponto mais elevado é a contemplação do Absoluto e a ordenação da razão humana finita para o *Ser*, o Bem. No último ciclo da modernidade tal estrutura analógica-metafísica vai se desfazendo, na medida em que a estrutura analógica se assenta predominantemente no *polo lógico* e dá primazia absoluta ao sujeito transcendental que assumirá o lugar do *Absoluto real* (LIMA VAZ, 1995, p.65).

Junto do *niilismo metafísico* entramos na questão que perpassa todo o desenvolvimento filosófico de Lima Vaz diante da modernidade: o *niilismo ético*. As razões que justificam tal postura se evidenciam previamente numa compreensão cultural de sociedade moderna “diante de uma negação do *ser* que bem podemos denominar de *niilismo ético* da cultura, a ‘tragédia no ético’, que seria propriamente a perda do humano no agir e na obra do homem” (LIMA VAZ, 2002, p.96). É a crise do *ser ético*: “uma crise do *ser*. [...] um conflito dramático não apenas nas consciências individuais, mas igualmente na consciência social” (LIMA VAZ, 1995, p.55).

A falta de sentido, a recusa dos princípios éticos fundamentais da tradição, a negação do *ethos* co-extensivo na cultura – historicizado na tradição e atualizado na educação –, a ausência de um *ethos* que seja aceito universalmente, a falta de uma razão demonstrativa que oriente o agir humano para a eticidade, a absolutização da *praxis* como fim em si mesma, a primazia da razão técnica-científica em detrimento de uma ética de humanização, constituem alguns elementos do *niilismo ético moderno*.

Enfim fica as palavras de Lima Vaz que atestam a dramaticidade da falta de uma Ética moderna de articulação mundial: “a modernidade deve reconhecer, igualmente, a sua incapacidade de tornar essa civilização *eticamente* universal, regida por valores e guiadas por fins cujo conteúdo e cuja normatividade sejam demonstrados também como *universais* e, portanto, aceitos [...] por artífices e beneficiários da nova civilização-mundo” (LIMA VAZ, 2002, p.131-132)

AS BASES PARA A “ÉTICA DA TERRA” EM LEONARDO BOFF E A “ÉTICA” DA “CASA COMUM” NO PAPA FRANCISCO

De antemão, há diferenças de reflexões e base racional entre a Ética de Lima Vaz, a “Ética da Terra” de Leonardo Boff e os aportes de uma Ética do “Cuidado da Casa Comum” no Papa Francisco. É notório que enquanto Lima Vaz sustenta uma base filosófica para Ética, os demais pensadores utilizam do recurso filosófico, porém tendo como base os pressupostos da Fé cristã. Porém, isso não nos impede de observarmos alguns pontos de reflexão ética dos

dois teólogos que ora se aproximam do pensamento vaziano, ora tentam ser propostas éticas esperançosas para a crise contemporânea.

Começando por Leonardo Boff, a “Ética da Terra” se torna uma necessidade emergencial na modernidade marcada pela “acumulação de riqueza e benefícios para a vida humana a partir da exploração sistêmica dos bens e serviços naturais” (BOFF, 2017, p.9) e da dominação técnica sobre a natureza. O problema predominante é o paradigma moderno “que reside na vontade de poder como dominação” (BOFF, 2017, p.72).

Tal compreensão se aproxima da leitura vaziana sobre a razão instrumental moderna, voltada sobre estrutura lógica da técnica. A razão calculista e instrumental se torna o eixo da modernidade (BOFF, 2017, p.80), ela abre espaço para a cultura capitalista, individualista, consumista e de negação da Ética. O sistema racional tecnocrático arruinou o *ethos*, rejeitou o *outro* e agiu sem qualquer cuidado para com a natureza e a Mãe Terra (BOFF, 2017, p.134).

A modernidade marcou a atual confusão de “episódios racionalistas e técnicos” que fizeram perder de vista o ser humano (BOFF, 2017, p.72), ou em termos vaziano: contribuíram para a crise do sentido do ser humano. Os problemas relacionados ao universo da *physis* e do *ethos*, na linguagem de Boff, se reportam aos problemas da casa comum e da ética. Trata-se da crise socioambiental, mas que tem como raiz a falta de limite da ação humana, a falta de ética e a incidência da prática não ética sobre a natureza.

Esse drama que afeta toda a humanidade e todo o planeta, a Mãe Terra, possui, portanto, um transfundo ético. Nossos atos, nossas atitudes e o conjunto de nossas relações entre nós e de todos para com a natureza e a Mãe Terra foram/são danosos e eticamente irresponsáveis. Precisamos urgentemente de uma ética regeneradora da Terra, [...]. (BOFF, 2017, p.11)

É na busca de salvaguardar o espaço primitivo do *ethos* – como morada de todos os seres – e ao mesmo tempo rearticular o *ethos* humano para a subsistência e atualização deste na histórica, porém de forma integral, que Boff propõe o “paradigma ecológico que busca estabelecer as novas condições para a manutenção e o crescimento da vida, em todos os sentidos” (BAPTISTA, 2012, p.160).

Aqui não se pretende fazer uma análise de tal paradigma, mas sustentar que, como rearticulação de uma nova ética (ecoteológica ou teoantropocsmica), o paradigma ecológico está, enquanto estrutura de circularidade dialética, na busca de conciliação harmônica entre a realidade da natureza (*physis*) e a do mundo humano (*ethos*).

Sobre a “Ética da Terra”, Boff sustenta que precisamos “fazê-la acompanhar de uma espiritualidade, que lança suas raízes na razão cordial e sensível” (BOFF, 2017, p.11). “Uma ética da Terra não se sustenta sozinha por muito tempo sem esse *supplément d’ame*, que é a vida do *espírito*, e que nos conduz para o alto e para ações salvadoras e regeneradoras da Mãe Terra” (BOFF, 2017, p.13). Neste ponto há uma aproximação com a proposta de Lima Vaz

acerca da proposta de uma ética mundial pela a figura da transcendência (LIMA VAZ, 2002, p.150).

A “Ética da Terra” exige precedentes históricos como fundamentação. Boff recupera alguns elementos constituintes das tradições éticas ao longo da história. São eles a) a unidade e predominância do “bem comum” como norte fundamental das diversidades éticas históricas; b) as fontes fundantes das éticas vigentes: as religiões, a razão crítica, o desejo direcionado e o cuidado; c) as várias expressões de um único *ethos* humano numa intenção fundamental: buscar o bem para todos, para si mesmo, para os outros, para natureza e para a Mãe Terra (BOFF, 2017, p.51-61). Parte destes elementos estão presentes e constituem a Ética vaziana.

Por conseguinte, há seis ordenações fundamentais para todos os seus habitantes que constituem a Casa Comum, a saber: a) a refundação de uma Ética universal aceitável por todos os seus habitantes, b) a inteligência cordial como sede originária da Ética, c) a articulação entre o sentimento (*pathos*) e a razão (*logos*) pelo *justo meio* de base aristotélica, d) a morada humana ou *ethos* é a *terra como casa comum*, e) o cara a cara ou encontro com o outro, sendo este identificado como: todos os seres, o homem e a própria terra; f) o cuidado como fonte da “Ética da Terra” e como mediação entre a morada e o outro (BOFF, 2017, p.62-73).

Os quatros princípios que se irradiam da fonte e da ordenação da “Ética da Terra” são: a) a compaixão como forma oriental de cuidado, b) o respeito profundo e a não violência ativa, c) a responsabilidade compartilhada por todos, d) a solidariedade e cooperação universal, de todos com todos. Mas por fim, há quatro virtudes cardeais que fundamentam tal “Ética”: a) a hospitalidade como direito e dever de todos, b) a convivência indispensável de todos com todos, c) a tolerância necessária e d) a comensalidade sempre desejada (BOFF, 2017, p.95-103).

O Papa Francisco não é autor de um sistema estrutural e elaborado sobre Ética. Porém, no seu pensamento e na sua proposta pastoral há os aportes que podem fundamentar uma “Ética” da “Casa Comum”. O título da *Laudato Si’* engloba, de modo geral, dois elementos de uma Ética que se pretenda universal e integral, a saber: o “cuidado” e a “casa comum”.

O “cuidado” provem desde as narrações antigas como elemento autêntico da vida humana e da relação do homem com a natureza (LS, 70), enquanto que a “casa comum” nos reporta ao espaço em que subsiste, forma e se constitui as relações subjetivas, intersubjetivas, objetivas e integrais com todos os seres. Casa comum é o novo nome de mundo (abrigo) habitado por todos (LS, 155).

Francisco nos apresenta uma compreensão crítica da modernidade que se aproxima dos dois pensadores: ele sustenta que “nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (LS, 53). “O antropocentrismo moderno acabou por colocar a razão técnica acima da realidade. O ser humano já não sente a natureza como norma válida nem como refúgio vivente” (LS, 115). Em termos vaziano, estamos na determinação do *polo*

lógico, da *techne* e da absolutização do humano, em detrimento do *ethos* humano e do sistema da *physis*.

O paradigma moderno (tecnocrático) segue a lógica racional que instrumentaliza o outro, faz crer que a liberdade e o poder humano, assim como os recursos naturais, são ilimitados. Tal paradigma condiciona “a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade. Os efeitos da aplicação deste modelo a toda a realidade, [...] constata-se na degradação do meio ambiente” (LS 107): consequência da deterioração da Ética.

“Se a crise ecológica é uma expressão [...] externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais” (LS, 119). Daí ser a dimensão antropológica e metafísica, já acentuada por Lima Vaz, fundamentais para a uma “Ética” da “Casa Comum”, pois a exigência da crise ética e ambiental reque uma mudança do sentido do humano, do seu estilo de vida, do seu hábito (LS, 209).

Assim emerge a necessidade de uma Ética que também imponha limite ao poder da técnica, da intervenção humana sobre o planeta e que seja orientada para a solidariedade de todas as nações (LS, 172). Os aportes principais para tal “Ética” são: a fé, o bem comum, o diálogo, a solidariedade, a compaixão, além de outros princípios.

A fé sustentada por Francisco acolhe e vivencia uma experiência profunda com o Criador e deve promover em nós uma ecologia integral e o desenvolvimento ético do ser humano (LS, 62). É o Transcendente que influi para a *praxis* humana ser ética e ecoteológica. Porém, o elemento vinculante, da harmonia e busca plena de realização socioambiental, é Jesus Cristo. Não se trata de um elemento conceitual, mas de uma pessoa que concentra em si o fundamento de toda eticidade espiritual, humana, social e ecológica.

O bem comum é a teleologia do cuidado da Casa Comum. Ele é central na ética social para a própria perfeição humana (LS, 156). “O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral” (LS, 157). Ele engloba a opção preferencial pelos pobres.

O diálogo é a base que possibilita a *praxis ética* como ação de todos, não como algo pronto e acabado, mas construído, dinâmico com cada realidade e em processo. Nessa ação ética comum está a continuidade, atualização e constância do *ethos*. Porque não há um único caminho de solução (LS, 60). O diálogo pode nos ajudar “a sair da espiral de autodestruição onde estamos a afundar” (LS, 163) e a possuir uma verdadeira sabedoria que assuma o estatuto de uma Ética da vida humana e ambiental, isto é: da “Casa Comum”.

A solidariedade universal por sua vez equilibra as disparidades que existem na sociedade. Ela deve ser observada na dinâmica de relações sociais e éticas. Na dinâmica social a estrutura de pecado deve ser modificada por estruturas de solidariedade, mediante a criação ou modificação de leis, regras do mercado e ordenamentos. Já a solidariedade ética é a determinação firme e perseverante do empenhar humano para o bem comum, para a justiça social

e o bem do próximo, a destinação dos bens universais, a igualdade dos homens e povos, e a paz no mundo. Alguns desses elementos estão presentes na Ética de Lima Vaz.

A compaixão engloba um sentimento de ternura, uma união íntima com os outros seres da natureza e uma preocupação pelo ser humano. São Francisco é referencial de relação de amor agápico entre a realidade humana e o meio ambiente. A compaixão nos coloca nesses laços que exigem “uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (LS, 91)

Por fim, alguns princípios éticos que passam por todos os credos e filosofias são: o princípio da precaução, o princípio de propriedade privada subordinada ao destino universal dos bens, o de afirmação das verdades objetivas contra o relativismo, o de reconhecimento e vivência das verdades objetivas na cultura, o de valor da dignidade humana, o da limitação da ciência técnica para o sentido e fundamentos que constituem a essência da vida humana e das criaturas, e o princípio de subsidiariedade (SUESS, 2017, p. 144-146).

CONCLUSÃO

A crítica de Lima Vaz à modernidade pode ser melhor compreendida se partirmos da sua Ética filosófica – como ciência do *ethos*, acerca das formas conceituais da razão demonstrativa que normatizam e principiam o agir humano na *praxis* e para a *praxis ética*. Dito isto, observamos em Vaz a perda do sentido ético e metafísico do *ser* porque passa a civilização moderna.

Diante do *niilismo ético e metafísico* moderno, Lima Vaz nos apresenta alguns pontos que iluminarão o caminho da civilização para a recuperação de uma Ética mundial. O primeiro ponto é a demanda de “um novo paradigma de racionalidade ética ou um Ética universal” (LIMA, VAZ, 2002, p.140). O paradigma deve passar por uma “codificação racional do *ethos* vivido efetivamente por uma comunidade histórica, a partir do momento em que, nessa comunidade a Razão se torna o centro do universo simbólico” (LIMA VAZ, 2002, p.140).

O segundo ponto trata de “uma breve reflexão sobre a estrutura objetiva que permitiu às comunidades humanas ao longo da história apresentar-se como comunidades éticas” (LIMA VAZ, 2002, p.145). A articulação (homologia) dos dois grandes domínios: “o domínio da Natureza e o domínio da Sociedade”. Tal homologia nos possibilita pensar a Natureza e fundamentar razoavelmente a *natureza ética* da comunidade (LIMA VAZ, 2002, p.145). A instauração de uma Ética universal demanda três termos (um princípio ordenador, um modelo de ordem e os elementos ordenados) que, efetivados em harmonia, tornariam “possível a codificação racional do *ethos* em Ética e Política” (LIMA VAZ, 2002, p.146).

Diante da modernidade com problemática matriz binária (indivíduo-lei, indivíduo-poder ou indivíduo-sociedade), três colocações se fazem pertinentes na proposta vaziana, a saber: o reconhecimento como superação do individualismo e relativismo moderno; a

rearticulação dos níveis estruturais do existir comunitário e, na dialética entre essas duas colocações, a figura da Transcendência (LIMA VAZ, 2002, p.149-151).

Em certa aproximação com a postura ética de Lima Vaz está a proposta de Leonardo Boff de uma “Ética da Terra”, pautada pelo inovado paradigma ecológico. Tanto na proposta de Boff como também na postural pastoral do Papa Francisco há a uma crítica frente à modernidade. Os dois pensadores tratam dos problemas do paradigma tecnocrático e do antropocentrismo, porém enquanto Boff fala da emergência de uma ética teológica integral – que se dirija para o alto e busque salvaguardar a vida de todos os seres assim como da Mãe Terra –, Francisco trata da necessidade de um novo paradigma que supere a deterioração da Ética, da Cultura e da Ecologia porque passa a modernidade. No discurso de Francisco há os aportes – da fé, do bem comum, do diálogo, da solidariedade, da compaixão, além de outros princípios – que fundamentam uma “Ética” do “Cuidado da Casa Comum”.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Libertação e ecologia: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BOFF, Leonardo. *Ética e Espiritualidade: Como cuidar da Casa Comum*. Petrópolis: Vozes, 2017.

CARTA ENCÍCLICA. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia II: Ética e Cultura*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia III: Filosofia e Cultura*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia IV: Introdução à Ética filosófica 1*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia V: Introdução à ética filosófica 2*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Ética e Comunidade. *Síntese*, Belo Horizonte, n. 52, p.5-11, 1991. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1646/1977>. Acesso em 03 jun. 2020.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Ética e Direito*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Ética e Razão Moderna. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 22. n. 68, p.53-85, 1995. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1132/1539>. Acesso em 03 jun. 2020.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de; MELO, Edvaldo Antônio de. Ética e educação em Lima Vaz. *Conjectura: Filos. Educ.*, v. 23, n. especial, p.207-222, 2018. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/6230/pdf>. Acesso em 03 jun. 2020.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Laudato Si'*: sobriedade feliz. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral “sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2017.